

DE AQUILES “MACEDÔNIO” A ALEXANDRE, O “ROMANO”: AS REPRESENTAÇÕES MÍTICAS DE UM REI ENTRE FONTES GRECO-ROMANAS E PERSAS

FROM A "MACEDONIAN" ACHILLES TO ALEXANDER THE "ROMAN": THE MYTHICAL REPRESENTATIONS OF A KING AMONG GRECO-ROMAN AND PERSIAN SOURCES

Rodrigo Nunes do Nascimento⁵⁹

RESUMO

O artigo analisa as representações de Alexandre Magno entre fontes greco-romanas e persas. As diferentes perspectivas apresentadas demonstram como a figura do conquistador foi apropriada e adaptada entre a deificação no período helenístico-romano e a demonização pela tradição zoroastrista. Entre os persas, a figura do rei experimentou ainda uma ambiguidade: como governante legítimo e destruidor do império e da religião ao mesmo tempo.

Palavras-chave: Alexandre Magno, mito, heroísmo, demonização, iranologia.

ABSTRACT

The article analyzes the representations of Alexander the Great between Greco-Roman and Persian sources. The different perspectives presented demonstrate how the figure of the conqueror was appropriated and adapted between deification in the Hellenistic-

⁵⁹ Mestre em História pela Universidade de Brasília, especialista em Profetismo e Apocalíptica pela Universidade Metodista de São Paulo e atualmente é doutorando em Metafísica na Universidade de Brasília.

Roman period and demonization by the Zoroastrian tradition. Among the Persians, the king's figure also experienced an ambiguity: as a legitimate ruler and destroyer of the empire and religion at the same time.

Keywords: Alexander the Great, myth, heroism, demonization, iranology.

Desde a Antiguidade personagens notáveis são heroicizados, deificados ou demonizados. Devido à sua expressividade política e militar no mundo antigo, a figura de Alexandre Magno conheceu todos esses processos. Mito e história foram duas realidades que se mesclaram e marcaram a metamorfose de sua figura entre o período helenístico e o medievo oriental, preservando a memória histórica ou mítica de seus feitos, bem como a ambiguidade característica de sua personalidade.

Entre a graduação e o mestrado em História estudei uma série de temas míticos sobre a personalidade de Alexandre Magno ao longo do tempo. Curiosamente, a demonização do conquistador do Império Aquemênida entre os persas, principalmente na tradição zoroastriana, foi o primeiro conjunto de propagandas contra o rei a ser investigado. Na pós-graduação fiz o caminho inverso: um estudo sobre como o processo de deificação de Alexandre construiu um modelo que serviu de inspiração e legitimação para outros líderes (e seus divulgadores), como Seleuco, um de seus generais e fundador do Império Selêucida.

Este artigo é um apanhado dos principais resultados dessas pesquisas, mas pretende atualizar a discussão com estudos publicados nos últimos anos e com foco em alguns aspectos pouco explorados em meus textos. Um deles é o termo em persa médio *hromayig*, o “romano”, atribuído a Alexandre de maneira errônea, mas curiosa, no *Arda Viraf Namag* e no *Zand ī Wahman Yasn*, textos apocalípticos zoroastrianos, e outras obras do Irã medieval⁶⁰ como a *Denkard* e a *Bundahishn*.

Intencionalmente, uma outra questão de identidade ganhará aqui destaque: a apropriação do mito de Aquiles por um macedônio, a partir da representação da relação entre Alexandre e o modelo do herói em fontes greco-romanas. Para esse objetivo, do

⁶⁰ A Pérsia Sassânida (224 EC – 652 EC) foi uma unidade territorial da chamada antiguidade tardia oriental, os sassânidas foram os sucessores do império parto (247 AEC – 224 EC) e governaram a Pérsia até a conquista árabe do século VII EC. A literatura pahlavi está intimamente ligada ao período sassânida, nesse ínterim a literatura persa passou de sua forma oral para uma forma escrita (BOYCE, 1968, p.31).

conjunto de fontes que cobrem a trajetória de Alexandre na antiguidade destacam-se Arriano, Plutarco e Quinto Cúrcio.

Por fim, a representação ambígua de Alexandre no *Shāhnāmeḥ* (Épica dos reis), do poeta persa Ferdowsī, aportuguesado Ferdusi, é um exemplo de como as histórias sobre o conquistador podiam ganhar contornos tanto positivos quanto negativos, a depender do momento e propósito.

O AQUILES “MACEDÔNIO” E O CAMINHO DA DEIFICAÇÃO

Embora Alexandre, o Grande tenha imitado e emulado uma série de heróis e homens, entre eles seu próprio pai, Filipe II da Macedônia, pode-se destacar três modelos principais que animaram o famigerado conquistador entre sua juventude e morte na Babilônia: o de Aquiles, o de Hércules e o de Dioniso. Alexandre foi responsável por uma autorrepresentação como herói-deus (*heros theos*), e alguns pesquisadores demonstram a originalidade do rei na construção de seu próprio mito (GOUKOWSKY, 1978; COHEN, 1995; AMITAY, 2010), mas historiadores e biógrafos antigos também registraram propagandas que eram disseminadas entre os soldados e cortes que se tornaram relatos lendários (POLIGNAC, 1999; STONEMAN, 2008).

Enquanto a relação de Alexandre com os modelos de Aquiles e Hércules pode ser discernida com mais facilidade nas fontes, o modelo de Dioniso é menos consistente e foi alvo de maior ceticismo dos pesquisadores na crítica das fontes (EDMUNDS, 1971, p. 376). Mesmo sobre Aquiles, que é citado e comparado a Alexandre com abundância nas fontes, é preciso considerar as inúmeras incertezas a que somos expostos ao nos perguntarmos sobre o quão genuíno foi o rei em sua emulação do herói da *Ilíada* e o quão fidedignas são as fontes em seus relatos (SANT’ANNA, 2021, p. 54-55).

A deificação de Alexandre deve ser compreendida como um processo, em que ao conjugar três modelos em um modelo próprio, pode-se identificar as unidades de uma narrativa maior: o alcance da *aretē* como característica essencial do herói, a intervenção de Zeus que tem filhos semideuses com as mortais, a conseqüente figura do pai de criação, a consulta ao oráculo e a apoteose (deificação). Esse padrão pode ser identificado no caso de Seleuco, que de acordo com as fontes, quer por esforço próprio

ou por propagandas e narrativas póstumas, foi o sucessor que mais levou a sério a *imitatio Alexandri*.

Nessa perspectiva, a emulação de Aquiles seria um pré-requisito para as demais etapas da deificação, não somente por o herói supostamente fazer parte da ascendência de Alexandre através de sua mãe Olímpia, mas sobretudo pelo peso simbólico desse modelo. Há que se considerar dois aspectos importantes: a origem religiosa da imitação e emulação de heróis e o culto à personalidade heroica. Devido à crença na possibilidade do alcance da *aretē* heroica, Alexandre deve ter herdado do seu pai, um rei guerreiro, de quem nutria admiração e rivalidade, o hábito de busca da *aretē*.

Pesquisadores demonstraram como a Macedônia do século quarto AEC tinha muitas afinidades com o sexto século ou o “tempo homérico”, com a rememoração de tradições históricas e míticas, bem como a perduração do modelo de reinado homérico, onde a preeminência do rei entre chefes aristocratas construía-se a partir da riqueza, poder e *aretē* (EDMUNDS, 1971, p. 369-370; COHEN, 1995, p. 483). A emulação de heróis gregos, quer por iniciativa própria ou propaganda, garantia um pedigree helênico à família real e aristocracia macedônias, além de permitir a outros indivíduos a possibilidade do destaque e até de se tornarem modelos por meio do heroísmo (COHEN, 1995, p. 484).

O início da expedição asiática foi marcado pela visita de Alexandre a Tróia, num momento em que a Guerra de Tróia podia servir como o paralelo antigo para a Liga Helênica animar e justificar seu empreendimento contra o Império Persa. Como líder (*hegemon*), a representação de Alexandre como um “novo Aquiles” e até mesmo um “novo Agamêmnon”, passaria uma mensagem específica para a audiência grega: a união do melhor da Grécia, sob liderança do jovem guerreiro Alexandre, para punir os bárbaros por suas injúrias (ANTELA-BERNÁRDEZ, 2007, p. 91-92).

Quer pensemos no que pode ter sido performance intencional de Alexandre, quer pensemos no que é exagero das fontes, o uso do modelo de Aquiles possuía diversos significados entre suas audiências gregas e macedônias, especialmente entre seus companheiros (*philoí*) e exército. No momento da expedição asiática, performances politicamente direcionadas podiam significar superioridade militar,

legitimidade e ênfase no culto da personalidade heroica. Nesse contexto, identificou-se o fim da fase greco-macedônia ou pan-helênica e o início da fase pessoal ou heroica da trajetória de Alexandre (EDMUNDS, 1971, p.363-381), na qual o rei passou a se afastar das tradições monárquicas macedônias, adotando ações cada vez mais personalistas.

A seguir confira a lista com paralelos entre Aquiles e Alexandre em Arriano, Plutarco e Quinto Cúrcio (NASCIMENTO, 2018, p. 62-63):

(1) No episódio da morte de Heféstion, Arriano diz que mesmo em seu luto Alexandre tinha um desejo de emular Aquiles, pois tinha uma rivalidade com o herói desde sua infância (Arr. 7.14). (2) Com base em Onesícrito, Plutarco representa Alexandre como um aficionado pela *Ilíada*, grande épico cujo tema é a ira de Aquiles, a ponto de dormir com uma cópia anotada por Aristóteles debaixo do travesseiro. Estrabão sugere que a cópia foi preparada por Calístenes (Est. 13.1.27). Alexandre considerava a *Ilíada* um guia da arte militar (Plut. Alex. 8). (3) Assim como Arriano, Plutarco relata a visita de Alexandre a Tróia, no início da expedição asiática. Na ocasião perguntaram a Alexandre se ele desejava ver a lira de Páris, respondeu que preferia ver a lira de Aquiles, com a qual o herói cantava os feitos gloriosos dos homens bravos (Plut. Alex. 15). (4) No cerco a Gaza, Alexandre teria punido Betis, governador da cidade, como Aquiles puniu a Heitor pela morte de Pátroclo (Il 22.260-405). Cúrcio diz que ainda vivo Betis foi amarrado à carruagem de Alexandre e os cavalos o arrastaram pela cidade. Enquanto isso, Alexandre gabou-se de emular Aquiles, parte de sua linhagem, durante a vingança ao inimigo (Q.C. 4.6.29).

(1) A intensidade do relacionamento entre Alexandre e Heféstion é comparada ao de Aquiles e Pátroclo (Arr. 7.17, Il. 18.80-82). (2) Na Bácia, para justificar seu matrimônio com a princesa sogdiana Roxana, Alexandre argumentou que mesmo Aquiles, do qual ele descendia, uniu-se com uma moça cativa (a troiana Briseida), (Q.C. 8.4.26, Il. 9.340-344, 19.287-300). (3) Após quase se afogar no rio Indo, Alexandre sacrificou aos deuses por escapar do perigo mortal, afirmando que como Aquiles, ele lutou contra um rio (Diod. 17.97.1-3, Il. 21.1-30). (4) O luto de Alexandre na morte de Heféstion manifestou-se, entre outros comportamentos, com abstinência de comida e bebida, em cortar seu cabelo em estima de Heféstion e a queima do corpo numa luxuosa

pira funerária, mesmo ato atribuído a Aquiles em seu profundo luto pela morte de Pátroclo (Arr. 7.14).

A apropriação do modelo de Aquiles por Alexandre serviu como um meio de conectar-se com a tradição heroica grega, ao mesmo tempo em que construía sua própria imagem de herói-deus. Essa emulação não só reforçou a autoridade de Alexandre entre seus contemporâneos, mas também perpetuou seu legado no modo como o rei foi representado nas fontes históricas do período helenístico-romano.

O AMALDIÇOADO ALEXANDRE, O “ROMANO”

A recepção de Alexandre pelo mundo iraniano pode ser abordada de uma perspectiva tripartite: numa função religiosa, na qual Alexandre é desprezado pelos textos zoroastristas em pahlavi; numa função real e aristocrática, na qual Alexandre é visto como um continuador da monarquia iraniana (*Shāhnāmeḥ* de *Ferdowsī*) e numa terceira função que o representa como um herói e rei viajante ou sábio (*Sharafnāmeḥ* de Nizami e *Iskandar-nāmeḥs*, sob influência do Romance de Alexandre), (DARYAEE, 2018, p. 209).

Algum conhecimento da cosmogonia zoroastrista é necessário para a compreensão da função religiosa. Como adversário escatológico, Alexandre é inserido num sistema dualista nos textos zoroastristas, sobretudo nos apocalípticos. O dualismo é característica essencial da visão de mundo ensinada por Zoroastro, na qual Ahura Mazda, o representante do bem e da ordem (*aša*), combate Ahriman, o representante do mal e do caos (*druj*). Ahriman atacou a criação de Ahura Mazda, o que deu início ao tempo da mistura, mas é estabelecido que Ahriman seria derrotado e a criação seria renovada no fim dos tempos.

No início do *Kārnāmag ī Ardaxšīr ī Pābagān* (A vida de *Ardaxšīr*, filho de *Pābag*), Alexandre é o divisor dos territórios iranianos (*Ēranšahr*) em 240 reinos menores (240 *kadag-xadāy*). Alexandre trouxe desunião e divisão no império, ideia também presente na Carta de *Tansar*, que compartilha com A vida de *Ardaxšīr* a dicotomia de desunião e união (caos e ordem), o que corresponde à ideia de *aša*, conceito conectado à ideia do mundo primordial que será restaurado na terra, que contrapõe o mundo de caos

representado por Ahriman, o mau espírito. Ou seja, *Ardaxšīr* tem a função de manter a ordem no mundo de Ahura Mazda, enquanto Alexandre desempenha o papel do reino do mau (DARYAEE, 2018, p. 211).

No apocalipse zoroastrista *Zand ī Wahman Yasn* o reino dos deus da semente de Xesm, descrito como a idade de ferro misturado, corresponde ao período da atuação de Alexandre. Além da associação ao clube demoníaco, o rei recebe os epítetos de “o Eclesiástico” e “Romano”. O *Arda Viraf Namag* reforça a representação negativa de Alexandre, o acusando de vários crimes contra o Irã, assim como o chamando de *gizistag*⁶¹, *druwand* e “Romano”.

Outras obras da literatura em persa médio corroboram essas narrativas. Na *Denkard* Alexandre figura entre tiranos de povos inimigos dos persas e suas ações são responsáveis por desencadear a perda de cópias das escrituras sagradas no incêndio do Persépolis. Uma cópia teria sido confiscada pelos “romanos” e traduzida para a língua grega. No entanto, a maioria dos pesquisadores argumentam pelo caráter propagandístico da história da destruição do Avesta por Alexandre, que sequer estaria fixado por escrito em sua época.

A função de Alexandre como opositor escatológico e ocidental é notável nas obras mencionadas, mas por que “Romano”? É sabido que na época sassânida houve um esquecimento dos aquemênidas e mesmo dos arsácidas, que são raramente citados na literatura em persa médio. Um exemplo do precário conhecimento histórico de outras fases do Império Persa no período sassânida ou islâmico é a visão negativa da relação entre o legado Alexandre no Irã com os arsácidas num manuscrito (MU29), enquanto no *Zand ī Wahman Yasn* há uma visão negativa apenas de Alexandre, com os arsácidas responsáveis por livrar o mundo do budismo (a “heresia do Buda”) e do cristão Alexandre, o Eclesiástico (DARYAEE, 2015, p. 8-9). De acordo com Daryaei, o autor de MU29 teve acesso a material que concedeu uma visão sassânida apropriada sobre os arsácidas, talvez uma melhor fonte histórica do que a utilizada pelo autor do *Zand ī Wahman Yasn* (2015, p. 9).

⁶¹ Na ocasião do I Seminário do MPS (*Middle Persian Studies*) em 2018, o professor Dr. Miguel Ángel Andrés-Toledo me alertou para a carga negativa de significado da palavra “*gizistag*”, que até então eu traduzia como “maldito”, como algo mais próximo de “amaldiçoado”.

É possível que as fontes nas quais se basearam o ZWY, o AVN, apresentassem informações ou noções distorcidas sobre a história ocidental, como essa associação de Alexandre com Roma e o cristianismo. O termo “*Rūm*” podia ser usado para identificar geografica e historicamente o mundo greco-macedônio e romano (WIESEHÖFER, 2011, p. 121).

A representação positiva de Alexandre entre os persas também demonstra um conhecimento distorcido de fatos históricos. Nas versões persas dos romances de Alexandre o rei é filho do faraó egípcio Nectanebo e Olímpia, tradição proveniente do Romance grego e siríaco de Alexandre, enquanto numa outra tradição Alexandre é filho de Dario e da filha de Filqus (Felipe II), e, portanto, um herói iraniano (WIESEHÖFER, 2011, p. 129).

No *Shāhnāmeḥ*, assim como nos textos da literatura em persa médio, Alexandre não é um macedônio ou grego, mas sim proveniente de *Rūm*, além disso, é filho de *Dārā*, o último rei da lendária dinastia kayanida, o que legitima seu reinado (MANTEGHI, p. 2012, 164). Esse Alexandre romano revela traços da tradição sassânida no *Shāhnāmeḥ*, epopeia na qual Ferdusi acaba por representar o rei de maneira ambígua ao registrar a função religiosa e a real na mesma obra.

Alexandre exerceu importante papel na ideia de sucessão de impérios no mundo iraniano antigo. Nas fontes persas o rei é uma figura ambígua que na tradição zoroastriana é o divisor do império e destruidor da religião, enquanto na história sacra persa (*Persian sacred history*), é cooptado como o meio iraniano que veio receber a glória real (*xwarrah*) e governar o Irã (DARYAEE, 2018, p. 213).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A figura de Alexandre Magno é um exemplo fascinante de como a história e o mito podem se entrelaçar para criar narrativas complexas e multifacetadas. Desde a Antiguidade, Alexandre foi visto sob diferentes perspectivas, ora como um herói deificado, ora como um vilão demonizado. As fontes greco-romanas e persas oferecem uma visão rica e diversificada de suas conquistas e de sua personalidade, refletindo as diversas maneiras pelas quais o rei foi apropriado e reinterpretado ao longo dos séculos.

A análise dessas representações revela não apenas a importância histórica de Alexandre, mas também a maneira como ele continuou a influenciar a cultura e a historiografia até os dias de hoje. Portanto, ao estudar Alexandre Magno, não estamos apenas explorando a vida de um grande conquistador, mas também entendendo como as narrativas históricas são construídas e perpetuadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOCUMENTAÇÃO

ARRIANO. *Anabasis of Alexander*. Traduzido por P. A. Brunt. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983.

QUINTO CÚRCIO. *History of Alexander, books VI-X*. Traduzido por John C. Rolfe. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1946.

PLUTARCO. *Plutarch's Lives*. Traduzido por Bernadotte Perrin. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1919.

ZAND I WAHMAN YASN. In: CERETI, Carlo G. *The Zand-ī Wahman Yasn: A Zoroastrian Apocalypse*. Roma: Istituto Italiano per Il Medio ed Estremo Oriente, 1995.

ARDA VIRAF NAMAG. In: KASSOCK, Zeke. *The Book of Arda Viraf. A Pahlavi Student's 2012 Rendition, Transcription and Translation*. Fredericksburg: Kassock Bros. Publishing Co., 2012.

BIBLIOGRAFIA

AMITAY, Ory. *From Alexander to Jesus*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2010.

ANTELA-BERNÁRDEZ, Borja. Alejandro o la demostración de la divinidad. *Faventia*, n. 29/1, Universitat Autònoma de Barcelona, 2007, p. 89-103.

BOYCE, Mary. Middle Persian Literature. *Handbuch der Orientalistik*, vol. 4/1. Leiden: Brill, 1968, p. 31-66.

COHEN, A. Alexander and Achilles. In: CARTER, J. and MORRIS, S. (eds.). *The Ages of Homer*. Austin: University of Texas Press, 1995, p. 483-506.

DARYAEE, Touraj. Alexander and the Arsacids in the manuscript MU29. *Dabir*, Vol. 1, no. 1, 2015, p. 8-10.

DARYAEE, Touraj. Alexander the Great and the Succession of Persian Empires. In: CRESCI, L. R; GAZZANO, F. (eds.). *De imperiis. L'idea di impero universale e la successione degli imperi nell'antichità*. Roma: L'ERMA di Bretschneider, 2018, p. 205-216.

EDMUNDS, L. The religiosity of Alexander the Great. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, nº 12, 1971, p. 363-391.

GREEN, Peter. Caesar and Alexander: Aemulatio, Imitatio, Comparatio. *American Journal of Ancient History*, Vol. 3, Nº 1, 1978, p. 1-26.

GOUKOWSKY, Paul. *Essai sur les origines du mythe d'Alexandre (336-270 av. J.C.)*. II: Alexandre et Dionysos. Nancy : Publications de l'Université de Nancy II, 1981.

GOUKOWSKY, Paul. *Essai sur les origines du mythe d'Alexandre (336-270 av. J.C.)*. I: Les origines politiques. Nancy : Publications de l'Université de Nancy II, 1978.

MANTEGHI, Haila. Alexander the Great in the *Shāhnāme* of Ferdowsī. In: STONEMAN, Richard et al. (ed.). *The Alexander Romance in Persia and East*. Groningen: Barkhuis Publishing, 2012, p. 161-174.

NASCIMENTO, Rodrigo Nunes do. Deuses, heróis e homens: a legitimação de Seleuco e sua dinastia à luz da deificação de Alexandre. Dissertação (mestrado)—Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, 2018.

POLIGNAC, François de. From the Mediterranean to Universality? The Myth of Alexander, Yesterday and Today. *Mediterranean Historical Review*, Vol. 14, No. 1, 1999, p. 1-17.

SANT'ANNA, Henrique Modanez. *A fabricação de Alexandre Magno: habilidade política e genialidade militar nas fontes antigas (336-331 AEC)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021.

STONEMAN, Richard. *Alexander the Great: a life in legend*. New Haven: Yale University Press, 2008.

WIESEHÖFER, Josef. The “Accursed” and the “Adventurer”: Alexander the Great in Iranian Tradition. In: ZUWIYYA, Z. David. *A Companion to Alexander Literature in the Middle Ages*. Leiden/Boston : Brill, 2011, p. 113-132.